

CONTEXTOS E PISTAS: UM EDITORIAL DE “PENSAMENTO DA AMÉRICA”

Luiza Franco Moreira

No horizonte deste artigo se encontra o problema do contexto e de sua importância para os estudos de história literária. David Perkins, autor de uma admirada história da poesia moderna de língua inglesa, trata desse problema ao refletir acerca dos pressupostos da história da literatura em um livro breve e contundente, *Is Literary History Possible?* Dedicou um dos capítulos a uma avaliação crítica das perspectivas “contextualizantes”. Dentre as dificuldades que aponta encontra-se a de que o contexto das obras literárias pode ser reconstruído de antemão pelo historiador, para ser em seguida justaposto ao texto de modo a reduzir as possibilidades de interpretação (p. 128). Por outro lado, às vezes ocorre que sejam apresentadas lado a lado uma interpretação rica e uma reconstrução contextual complexa, sem que se estabeleçam relações convincentes entre uma e outra.

Proponho-me a explorar esse amplo problema através do exame de um texto em particular e de seus contextos. Este artigo discute o editorial do primeiro número do suplemento mensal “Pensamento da América”, publicado a 22 de janeiro de 1942 no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. Esse texto saiu na imprensa, portanto, em meio à Segunda Guerra Mundial, numa época em que estava chegando ao fim a neutralidade do continente americano: menos de dois meses depois do ataque à base aérea americana em Pearl Harbor, a 7 de dezembro de 1941, que iniciou o envolvimento dos Estados Unidos no conflito e, como ficará claro mais adiante, uma semana antes de o Brasil romper relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão. Vale a pena anotar desde já que *A Manhã* era o jornal oficial do Estado Novo e, como tal, parte do amplo e eficiente aparelho de propaganda montado pelo regime. Proponho-me a demonstrar que as maneiras de contextua-

lizar o editorial de 22 de janeiro de 1942 têm um impacto direto na maneira como este vem a ser interpretado.

De minha parte, creio que esse texto marca uma mudança significativa na linha editorial de “Pensamento da América”, que coincide com o momento em que essa seção se expande e se transforma em um suplemento mensal. Anteriormente, de 9 de agosto de 1941 a 8 de janeiro de 1942, “Pensamento da América” havia aparecido mais ou menos semanalmente nas últimas páginas do jornal, ocupando em geral uma página apenas ou, no máximo, duas. Durante alguns meses, no final de 1941, a seção cultural manteve uma independência surpreendente e, ainda, uma qualidade literária notável. Nesse período inicial as escolhas do editor, Ribeiro Couto, são muito interessantes: traduções do trabalho de escritores que haviam tomado posições contra o fascismo e eram, predominantemente, da América Latina. Durante um período em que o Estado Novo controlava de perto a imprensa, através de censura, pressões econômicas e mais, tais escolhas são, ao menos, inesperadas.

Por outro lado, em um recente livro, *América aracnídea*, a historiadora Ana Luiza Beraba propõe que o mesmo editorial representa a vitória de uma “iniciativa de risco”, um projeto em comum do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e “intelectuais modernistas que ocupavam cargos-chave na política varguista” (p. 24). É evidente que sua interpretação e a minha são bem diferentes. Enquanto vejo no editorial o momento em que encontra o seu limite um esforço por abrir espaço na imprensa para escritores antifascistas, levado a cabo por intelectuais com simpatias por projetos de frente popular, Beraba vê no mesmo texto a vitória de um projeto compartilhado pela ditadura nacionalista e alguns intelectuais modernistas que ocupavam cargos no governo. Parece-me que na raiz dessa diferença de opinião entre duas pesquisadoras se encontra o meu longo hábito de refletir acerca das dificuldades de contextualização, problema bem familiar aos que, como eu, são estudiosos da literatura. Apesar de não estar tratando aqui de um texto literário, a perspectiva a partir da qual me aproximo desse documento dos anos 40 pressupõe o antigo hábito de buscar a melhor maneira de reconstruir os contextos pertinentes para a leitura de um texto, além de uma certa desconfiança quanto às contextualizações que se substituem à leitura.

A página em que foi publicado o editorial de 22 de janeiro de 1942 representa o primeiro e mais evidente contexto para a sua interpretação. Esse editorial, que não tem assinatura, aparece na primeira página do primeiro número do suplemento mensal “Pensamento da América”, que, como já foi assinalado, tem a data de 22 de janeiro de 1942. O texto ocupa a parte de cima das três colunas centrais, enquanto a metade inferior do mesmo espaço é tomada por uma foto de Getúlio Vargas, sorridente, junto a Franklin D. Roosevelt. O editorial e a fotografia estão emoldurados, do lado esquerdo, por um texto breve e reticente de Vargas sobre a posição do governo brasileiro com relação à guerra, e, do lado direito, por um artigo do poeta Cassiano Ricardo, que na época ocupava o cargo de diretor de *A Manhã*. Cassiano começa por apresentar Vargas como o “homem providencial” para aquele “momento histórico” e, a seguir, embarca em um elogio ao Estado Novo, que teria assegurado pacificamente “a solução de problemas que a outros povos custaram rios de sangue”. Além do texto, o próprio título do artigo, “O Estado Novo e o Panamericanismo” serve para ancorar o suplemento cultural firmemente no discurso de propaganda do governo. A organização espacial da primeira página, por sua vez, deixa claro que, a partir daquele momento, “Pensamento da América” recebe um lugar no quadro da política externa de Vargas. Desse ponto de vista, a primeira página de “Pensamento da América” deixa também forte impressão de que o Brasil está próximo de anunciar uma aliança com os Estados Unidos.

Como bem nota Ana Luiza Beraba, o editorial anuncia a mudança de formato de “Pensamento da América”, de página semanal a suplemento mensal, em tom de satisfação:

A direção de *A Manhã* resolveu transformar em publicação mensal o seu suplemento pan-americano, que, com o título de “Pensamento da América”, vinha aparecendo semanalmente. Deu-lhe, para isso, nova feição, adotando o modelo de “Autores e Livros”, o nosso suplemento literário, que tão magnífico êxito tem obtido no Rio e em todos os Estados.

Entretanto, ao prosseguir, o texto também formula uma mudança significativa na linha editorial: “‘Pensamento da América’ que até hoje

conservava uma característica meramente literária e artística passará a revestir também um caráter político”. Uma tal referência à política em uma publicação oficial do Estado Novo basta para assinalar que, desse momento em diante, o suplemento passará a refletir a perspectiva do regime.

Efetivamente, há um contraste notável entre o tom do suplemento “Pensamento da América” a partir de 22 de janeiro de 1942 e o tom da página cultural com o mesmo título, que havia sido publicada em *A Manhã* nos meses anteriores, de 9 de agosto de 1941 a 8 de janeiro de 1942. Para ilustrar as diferenças de linha editorial, basta notar que a página de 1941 não havia publicado fotos de Vargas nem mencionado os acertos do regime, enquanto o primeiro número do suplemento dá destaque de primeira página a uma foto do presidente, a um texto assinado por ele e, ainda, ao elogio a ele e ao Estado Novo.

Gostaria de tomar um momento, aqui, para discutir a atribuição da autoria do editorial de 22 de janeiro de 1942 a Manuel Bandeira, proposta por Ana Luiza Beraba em *América aracnídea* (p. 23). Sua conclusão parece estar baseada em outro editorial, publicado no número do suplemento datado de 22 de março de 1942. Eis aqui o trecho mais pertinente deste último texto:

Nos primeiros dias de outubro de 1941, o encarregado desta seção [Ribeiro Couto] teve de ausentar-se em viagem pelo estrangeiro, viagem de que só regressou agora, em março de 1942. Na sua ausência, ficou dirigindo “Pensamento da América” o ilustre redator da seção de Artes Plásticas, Manuel Bandeira. E os três – Manuel Bandeira, Múcio Leão [diretor do suplemento “Autores e Livros” de *A Manhã*] e Cassiano Ricardo – decidiram, com a mais justa razão, uniformizar os dois suplementos [“Autores e Livros” e “Pensamento da América”]. A partir de 22 de janeiro último, “Pensamento da América” começou a ser publicado uma vez por mês, no formato de “Autores e Livros”.

Parece-me que, ao invés de estabelecer que Manuel Bandeira é o autor do editorial do primeiro número do suplemento mensal, o texto que acabo de citar mostra, antes, que a decisão de mudar o formato – e a linha editorial – de “Pensamento da América” foi tomada durante uma ausência de Ribeiro Couto, por um grupo de três jornalistas, entre

os quais Bandeira era o que contava com menos poder na administração de *A Manhã*. Do ponto de vista da evidência textual interna também parece difícil crer que Manuel Bandeira pudesse ter escrito em tom depreciativo a respeito da “característica meramente literária e artística” de uma página da qual era colaborador assíduo.

A foto de Vargas e Roosevelt que ilustra a primeira página do suplemento “Pensamento da América” oferece mais uma pista interessante para a reconstrução de seu contexto histórico. Essa fotografia foi tirada durante a Terceira Reunião de Consulta dos chanceleres dos países americanos, realizada no Rio de Janeiro entre 15 e 28 de janeiro de 1942 e que corresponde a um momento importante no desenvolvimento da política externa do continente durante a Segunda Guerra. Cumpre assinalar que o primeiro número do suplemento foi publicado durante a reunião e inclui numerosas reportagens sobre esta, enquanto o número seguinte, de 22 de fevereiro de 1942, publica na íntegra o discurso pronunciado pelo ministro de Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, na cerimônia de encerramento. Uma vez que as notícias da Terceira Reunião de Consulta ocupam as manchetes de *A Manhã* entre 9 e 30 de janeiro de 1942, o destaque que “Pensamento da América” dá à cobertura do evento faz o suplemento parecer uma simples continuação do discurso de propaganda que satura o jornal. Ao mesmo tempo, fica claro que as mudanças de política externa resultantes da Reunião de Consulta constituem um contexto significativo para as mudanças de formato e conteúdo da seção cultural.

Antes de discutir o perfil diferente – e bem mais interessante – da página cultural de mesmo título publicada em 1941, será útil discutir brevemente o encontro de chanceleres no Rio de Janeiro. De acordo com John F. Dulles, o objetivo perseguido pelos Estados Unidos era o de persuadir todos os países das Américas a romperem relações com a Alemanha, a Itália e o Japão. Apesar de no encontro os ministros terem apenas adotado uma recomendação de ruptura, todos os países, com a exceção do Chile e da Argentina, seguiram tal curso (pp. 221-225). Stanley Hilton, por sua parte, reconstrói em um livro recente a contribuição de Oswaldo Aranha à reunião. Apesar de ser há muito defensor de uma aliança entre o Brasil e os Estados Unidos, Aranha

se esforçou por encontrar uma linguagem para o documento final que tanto a Argentina quanto o Chile considerassem aceitável (p. 388). Em discurso pronunciado no encerramento do encontro, Aranha anunciou a ruptura de relações do Brasil com os países do Eixo. Foi esse o discurso publicado na íntegra no segundo número do suplemento "Pensamento da América", em 22 de fevereiro de 1942.

Para medir a distância que separa o suplemento de 1942 da página cultural de 1941, podemos recorrer ao texto que pela primeira vez anuncia aos leitores de *A Manhã* o projeto dessa seção cultural, um editorial publicado na página "Pensamento da América" em 9 de agosto de 1941:

Para a obra de mútuo conhecimento dos valores intelectuais do continente A MANHÃ deseja contribuir. Desde a poesia – gênero cuja transposição noutras línguas oferece tantas dificuldades – até a história e a etnografia, passando pela novela e pela crítica, este suplemento publicará trabalhos de autores continentais, cuidadosamente traduzidos por escritores brasileiros.

Desde que foi publicado esse editorial até 8 de janeiro de 1942, "Pensamento da América" de fato se manteve no interior do terreno demarcado aqui: enfocava a literatura do continente ao mesmo tempo que evitava qualquer discussão direta de política. Ainda em agosto de 1941 mais um editorial volta a discutir o projeto da página. Insiste na intenção de "divulgar, apenas divulgar" a literatura das Américas. E um pouco mais adiante enfatiza: "A página não é política".

Apesar dessa insistência, um exame mais próximo das escolhas editoriais de Ribeiro Couto durante 1941 mostra uma corrente subterrânea de simpatia por escritores identificados a projetos políticos de frente popular. Ribeiro Couto deu bastante espaço a autores da América Latina e dos Estados Unidos que haviam expressado publicamente o apoio à República espanhola. Uma constatação surpreendente é a de que "Pensamento da América" publicou repetidas vezes o trabalho de escritores que haviam sido delegados no Segundo Congresso Internacional de Defesa da Cultura, que se realizou na Espanha e em Paris durante a Guerra Civil, em 1937. Esse Congresso serviu como um foro

importante para os intelectuais que apoiavam a República, chegando a constituir, nas palavras do historiador Robert S. Thornberry, uma “vitória moral importante para o governo republicano” (p. 590). Entre os delegados do Congresso Internacional cujo trabalho foi publicado por “Pensamento da América” encontramos Pablo Neruda, César Vallejo e Vicente Huidobro, da América Latina, e States Langston Hughes e Waldo Frank, dos Estados Unidos. Como bem sabemos, muitos desses escritores tomaram a Guerra Civil como tema para sua escrita. Em 1941, o conhecido poema de César Vallejo, “España, aparta de mí éste cáliz”, já havia sido publicado. É provável que Ribeiro Couto estivesse a par dele.

Também no que diz respeito a escritores norte-americanos, as escolhas editoriais de “Pensamento da América” no período inicial revelam alguns padrões interessantes. Durante 1941 a página dedica bem mais espaço aos escritores da América Latina que aos norte-americanos; por outro lado, é frequente que os poucos norte-americanos publicados tenham se oposto ao fascismo de modo bem público. O primeiro número da página, datado de 9 de agosto de 1941, basta para ilustrar os dois pontos. Neste, a maior parte do espaço de duas páginas de sete colunas está tomada por textos de escritores hispano-americanos que tratam da arte e da literatura na América Latina (pp. 17-18). No canto esquerdo de baixo da página inicial, encontram-se dois poemas curtos de Archibald McLeish traduzidos por Manuel Bandeira. McLeish, que na época dirigia a Biblioteca do Congresso, era reconhecido como simpatizante da esquerda. Encontramos seu nome repetidas vezes no livro que o historiador Michael Denning dedica à reconstrução de uma cultura de frente popular nos Estados Unidos durante a década de 30. Denning chama atenção para os comentários de problemas sociais que McLeish publicou na revista *Fortune*. Nota, ainda, que McLeish desempenhou um papel importante no desenvolvimento do gênero de dramas de rádio sérios (o qual encontra sua expressão mais memorável em *A guerra dos mundos*, de Orson Welles). O próprio McLeish foi autor de dois programas de rádio antifascistas, *The Fall of the City (A queda da cidade)* e *Air Raid (Bombardeio aéreo)*, transmitidos pela cadeia CBS em 1937 e 1938 com bastante sucesso (p. 383; pp. 389-90). (Ver também a dis-

cussão dos dramas de rádio de McLeish por Buitenhuis.) É sugestivo que os poucos escritores norte-americanos publicados por “Pensamento da América” recebam, quase todos, atenção por parte de Denning em sua reconstrução da cultura de esquerda americana. Além de McLeish, Langston Hughes e Waldo Frank, que já foram mencionados, cumpre anotar ainda o nome de William Saroyan.

A tendência a favor da frente popular e da América Latina que “Pensamento da América” dá mostras durante 1941, enquanto a seção ainda aparecia como uma página no corpo do jornal, contrasta de maneira evidente com o panamericanismo oficial dos tempos de guerra, que marca o suplemento a partir de 1942. De dois outros pontos de vista ainda há diferenças significativas entre a página cultural e o suplemento: em 1941, “Pensamento da América” conseguiu sempre manter uma qualidade literária elevada, ao mesmo tempo em que nunca publicou textos de propaganda política. No período inicial, enquanto ainda não estava servindo a funções oficiais, a seção cultural parece ter desfrutado de uma liberdade notável. Ribeiro Couto aproveitou essa oportunidade para definir o conteúdo literário e político de “Pensamento da América”, e durante alguns meses conseguiu publicar uma seção cultural excelente, que até hoje se lê com prazer. Tudo mudou, porém, quando Oswaldo Aranha emergiu vitorioso das discussões sobre o rumo da política externa brasileira durante a Guerra, e o Brasil se tornou um aliado dos Estados Unidos. O panamericanismo de “Pensamento da América” foi então absorvido pelo discurso do Estado Novo e alterado de modo fundamental pelo peso desse novo contexto. Como resultado, a partir de 1942, o suplemento assume um tom oficial, parece se confundir à propaganda do governo que domina as páginas de *A Manhã* e se torna bem menos interessante do ponto de vista literário. Como ilustração da direção tomada nessa segunda fase, basta mencionar que o número de fevereiro de 1942 inclui uma crônica de viagem assinada por Theodore Roosevelt que discute as relações raciais no Brasil, um texto de qualidade indiferente e que dificilmente teria sido publicado na página cultural de 1941.

A reconstrução dos contextos relevantes para a leitura do editorial que apresenta o suplemento aos leitores de *A Manhã* desenvolveu-se a

partir de uma estratégia de interpretação familiar aos estudiosos da literatura, a do círculo hermenêutico. O texto examinado foi adquirindo sentido através da referência a contextos mais amplos, que no início estavam apenas parcialmente esboçados; por outro lado, o próprio texto contribuiu para especificar tais contextos e delinear-los com precisão cada vez maior. O movimento de vaivém da interpretação entre o texto e seus vários contextos permite reconstruções históricas cada vez mais complexas, ao mesmo tempo em que traz à superfície alguns níveis de sentido do editorial que poderiam ter passado despercebidos. Para recapitular, entre os contextos reconstruídos como pertinentes para a leitura do editorial publicado no primeiro número do suplemento, encontram-se a organização espacial da página em que este foi publicado, o discurso de propaganda que permeia *A Manhã* como um todo, a Reunião de Consulta dos chanceleres americanos em 1942 – na qual foi tirada a foto de Getúlio e Roosevelt que ilustra o editorial –, o fim da neutralidade do Brasil na Segunda Guerra – de modo mais amplo, a própria guerra – e, por fim, a fase anterior da mesma seção cultural, que contrasta com o suplemento tanto por sua qualidade literária elevada como por sua tendência antifascista e latino-americanista. A reconstrução contextual nos permite concluir que o editorial de 22 de janeiro de 1942 assinala uma mudança complexa no projeto de “Pensamento da América”.

O trabalho recente de Carlo Ginzburg sugere a vitalidade constante das perspectivas abertas pela estratégia do círculo hermenêutico para as reconstruções históricas. Ao mesmo tempo em que Ginzburg critica a historiografia positivista e é um leitor arguto de teoria literária, articula também uma argumentação cuidadosa contra o “relativismo cético” contemporâneo. Na coleção de ensaios *History, Rhetoric, and Proof (Relações de força: história, retórica, prova)* Ginzburg propõe que – efetivamente – os historiadores reconstroem o passado. Trabalhando a partir de traços e pistas, os historiadores frequentemente lançam mão de raciocínios por inferência, e às vezes até “preenchem as lacunas” da evidência de que dispõem. Buscam estabelecer conexões necessárias entre os traços disponíveis do passado, ou, quando isso não é possível, conexões prováveis, ou conexões infinitamente prováveis (p. 46). Um ensaio do início de sua carreira deixa bem evidente a importância dos

pressupostos do círculo hermenêutico para as reconstruções históricas efetuadas por Ginzburg:

Apesar de que pareçam cada vez menos dignas de crédito as pretensões ao conhecimento sistemático, a idéia de totalidade não deve ser necessariamente abandonada. Ao contrário, a existência de relações profundas que explicam os fenômenos superficiais é confirmada justamente no momento em que se afirma que o conhecimento direto de tais conexões é impossível. Apesar de a realidade parecer opaca, há zonas privilegiadas – sinais, pistas – que nos permitem penetrá-la.

Fica implícita aqui a sugestão de que os historiadores – assim, os historiadores da literatura – se esforçam por retrazar relações que podem estar obscurecidas, mais que reveladas, pelos documentos ou textos que estão examinando. O exemplo discutido aqui, as mudanças na linha editorial do suplemento "Pensamento da América" antes e depois da aliança com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra, oferece uma pista que permite reconstruir o empenho de alguns intelectuais com simpatia por projetos de frente popular em abrir espaço para o trabalho de escritores que se opuseram ao fascismo, até mesmo no interior do discurso de propaganda do Estado Novo, ao mesmo tempo que revela também o limite incontornável com que estes se depararam no prazo de uns poucos meses.

Referências bibliográficas

- A Manhã*. Rio de Janeiro, 1941-1945. Coleção Biblioteca Nacional.
- AZNAR SOLER, Manuel e SCHNEIDER, Luis Mario. *II Congreso Internacional de Escritores Antifascistas (1937)*. Barcelona: Editorial Laia, 1979, 3 v.
- BUITENHUIS, Peter. "Prelude to War: The Interventionist Propaganda of Archibald McLeish, Robert E. Sherwood and John Steinbeck". *Canadian Review of American Studies* 26.1 (Winter 96). Disponível em: < <http://library.binghamton.edu>>. Acesso em: 8 ago. 2008.
- CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: FAPESP; Campinas: Papirus, 1998.
- _____. "Propaganda política e controle dos meios de comunicação". In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, pp. 167-78.

- DENNING, Michael. *The Cultural Front*. Londres; Nova York: Verso, 1997.
- DULLES, John W. F. *Vargas of Brazil: A Political Biography*. Austin; Londres: University of Texas Press, 1967.
- ESCOLAR, Hipólito. *La cultura durante la guerra civil*. Madrid: Editorial Alhambra, 1987.
- GINSBURG, Carlo. "Clues: Roots of an Evidentiary Paradigm". In: _____. *Clues, Myths and the Historical Method*. Trad. John e Anne Tedeschi. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989, pp. 96-125.
- _____. *History, Rhetoric and Proof*. Hanover, New Hampshire: University Press of New England, 1989.
- HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.
- "Pensamento da América: Página semanal de *A Manhã*", 9 ago.1941 a 8 jan. 1942. Coleção Biblioteca Nacional.
- "Pensamento da América: Suplemento panamericano de *A Manhã*", 1942-1944. Coleção da State University of New York, Albany.
- PERKINS, David. *A History of Modern Poetry*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1987.
- _____. *Is Literary History Possible?* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- THORNBERRY, Robert S. "Writers Take Sides: Stalinists Take Control: The Second International Congress for the Defense of Culture (Spain 1937)". *The Historian* 62.3 (Spring 2000), pp. 590-605. Disponível em: < <http://library.binghamton.edu>>. Acesso em: 8 ago. 2008.

Resumo

O problema de como ler um editorial de "Pensamento da América", um dos suplementos culturais de *A Manhã* (jornal oficial do Estado Novo), dá lugar às reflexões deste artigo. A reconstrução do contexto histórico em que se publica este texto – em janeiro de 1942 e durante um encontro de chanceleres dos estados americanos no Rio de Janeiro – é de importância decisiva para sua interpretação. A perspectiva teórica articulada pelo historiador Carlo Ginzburg, apoiando-se na estratégia do círculo hermenêutico, abre caminho para a reconstrução e interpretação recíproca de texto e contexto.

Palavras-chave

Ribeiro Couto; Manuel Bandeira; "Pensamento da América"; *A Manhã*, Estado Novo.

Recebido para publicação em
15/01/2010

Abstract

At the starting point of this article lies the problem of how to read an editorial of "Pensamento da América", one of the cultural supplements of *A Manhã*, the official organ of the Estado Novo (a dictatorship led by Getúlio Vargas from 1937 to 1945). The reconstruction of the historical context of its publication – on January 22, 1942, and during a meeting of the Ministers of Foreign Affairs of the Americas in Rio de Janeiro – is a key step for the interpretation of this document. The theoretical perspective articulated by historian Carlo Ginzburg, relying on the hermeneutical circle as a strategy, opens the way for text and context to be reciprocally reconstructed and interpreted.

Keywords

Ribeiro Couto; Manuel Bandeira; "Pensamento da América"; *A Manhã*; Estado Novo.

Aceito em
12/03/2010